



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 01-2012 – MARÇO 2012

EDITORIAL

Uma nova etapa

Carlos Felipe de Melo Marques Horta - presidente

Diz um velho ditado que “no mundo de Deus, tudo vem na hora certa”. Poucas vezes esta frase tem sentido tão concreto como no momento da Comissão Mineira de Folclore. Em seus 64 anos, crises nunca faltaram. Já fomos despejados, perdemos um Centro de Informações Folclóricas, vimos um museu ser encaixotado, tivemos, como cachorros sem dono, de bater de porta em porta para as reuniões e, não alongando muito, saímos de uma sede especialmente criada para a nossa comissão.

Ainda assim, o espírito de resistência, típico da cultura popular, não morre. Exemplo claro é o de agora em que, depois de assembléias e reuniões e debates e discussões livres e democráticas, a Comissão tomou a decisão de sobreviver, reafirmando e atualizando os objetivos que a fizeram nascer em 19 de fevereiro de 1948.

Dificuldades não faltam e algumas interrogações, certamente, estão no ar. O que é cultura popular no século 21? Qual o papel de uma CMFL na sociedade globalizada? Qual a relação da entidade diante dos governos, com suas políticas culturais – que quase sempre não conseguem visualizar a importância do folclore? Aliás, folclore ainda é importante? Por que? Para que? E o que é ser folclorista? Não é um anacronismo?

Estas e outras perguntas dão uma ideia mínima do desafio colocado à frente da Comissão e sua diretoria..

Milagres não são esperados, mas um primeiro já aconteceu. A união geral, expressa nos

debates preliminares e consubstanciada na assembleia eleitoral, demonstra a vontade de, novamente, resistir às dificuldades, enfrentar de peito aberto as questões e abrir novos caminhos prosseguindo a estrada já percorrida.

Conhecedores que somos, desde a década dos 70, da capacidade do professor José Moreira de Souza, temos a certeza de que ele e seus companheiros saberão ir em frente, principalmente com a ajuda e cooperação de todos os companheiros.;

É uma nova etapa. Mais uma. Mas esta tem cara de ser a mais importante da história da Comissão Mineira de Folclore.

Um dia, esperamos, esta história será contada, como um momento glorioso da cultura popular em Minas.



Veja nesta Edição:

- ❖ **Agenda - 2 - 3**
- ❖ **Artigos - 4 - 16**

AGENDA

ACONTECENDO

➤ Comentário ao Editorial

Prezado Carlos Felipe,

Muito obrigado pelo Editorial. Você afirma o que é importante. Nosso Carranca ficará enriquecido. Discordo apenas das palavras finais - que serão respeitadas - não é “ele e seus companheiros”, somos nós sempre companheiros.

De minha parte quero atacar o que sinto ser nosso pecado original, ou quase original, diria pecado imperdoável da inocência. Não nos impusemos diante da Academia. É nela que se forma a ideologia vigente e nós ficamos do lado de fora. Estou lhe mandando em primeira mão o texto que escrevi para apresentar o cobu da Gouveia. O que quero é que antropólogos, filósofos, linguistas, historiadores, cientistas políticos, gestores de políticas públicas nos respeitem e passem a nos incluir no diálogo, caso contrário, ficaremos sempre como aqueles cãesinhos do Evangelho aguardando as migalhas da mesa dos ricos.

Disse à senhora secretária que um dos projetos nossos é de avaliar as políticas públicas destinadas aos setores populares. Nós temos que atacar as coisas no fígado. Como você disse os tempos mudaram e, parece, contra esses seres retrógrados chamados folcloristas. Iniciei o curso de pós-graduação em folclore e cultura popular com esta afirmação: “Nós, folcloristas, estamos na contramão da modernidade”. Copiei Karl Popper que diz que “Metodologia das Ciências não existe” mas que isto é muito conveniente para o trabalho universitário acreditar que existem especialidades. Nós folcloristas estamos do lado de Popper. Ele acrescenta: acho muito divertido marchar na contramão e me alegro quando vejo um monte de soldados marchando ao meu lado com o passo trocado. Recentemente, a revista Carta Capital publicou um artigo em que afirma, o Brasil só se dá bem quando há crises no resto do mundo. O país é obrigado a se valer das próprias forças. Eu acrescento, ele reconhece que não tem um povo “tão errado” assim como pregam as ideologias da modernidade.

Um abraço,

José Moreira de Souza

➤ Seresta ao pé da serra

A Seresta ao Pé da Serra, o mais antigo projeto cultural ininterrupto de Belo Horizonte (está completando 29 anos agora) está recomeçando no próximo dia 9 de março. Ela acontece de duas em duas semanas, no Parque das Mangabeiras, às sextas-feiras, a partir das 21 h, sempre com conjuntos seresteiros de Belo Horizonte. Ao longo de sua existência, por oito vezes, lembrou homenageou o folclore, durante as semanas de folclore. *Carlos Felipe*

➤ Projeto Canto e Viola

Nossos companheiros, Luiz Trópia e Tadeu Martins, coordenam bravamente dois projetos de valorização da Viola Sertaneja. O primeiro no espaço do Jequitibar na av. do Contorno junto à igreja da Floresta e o segundo nos salões do SESC Laces da rua dos Caetés.

➤ Mensagem encaminhada por Luiz Trópia em 1 de março

Olá, a votação no Voa Viola está a todo vapor. Preciso de sua força lá. Vá em www.voaviola.com.br crie um perfil lá e depois de confirmar em seu email, entre lá novamente com email e senha criados e entre em minha página e clique em tudo que aparecer “aplaudir”. Você estará me ajudando a entrar nos 12 selecionados pra um grande show em capitais brasileiras. Você pode fazer isso todos os dias aplaudindo o violeiro novamente, fotos e os posts novos.

➤ Mês do Folclore em preparação

Na última reunião realizada na Secretaria de Estado da Cultura, fomos inquiridos sobre a Semana do Folclore que deverá acontecer em agosto. Como se sabe, o Estado é nosso parceiro nesses acontecimentos. Até o momento foram confirmadas como parte do programa:

Lançamento de livro de Domingos Diniz.

Lançamento de vídeo de Dêniston Diamantino.

Dois seminários: um em comemoração à celebração dos oitenta anos de Domingos Diniz, como possível lançamento da obra *A sombra do andarilho – o Folclore e suas charadas* de José Moreira de Souza e outro, em comemoração aos oitenta anos de Antônio Henrique Weitzel, nosso decano e maior autoridade em Folclore Literário e Linguístico.

Apresentação dos resultados de um possível concurso de contos para alunos do nível médio que terá como tema: **Provérbios como Moral da História**. O regulamento deverá prever que cada conto seja concluído com um provérbio popular. “Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.” “Quem avisa, amigo é”. “Em casa de enforcado não se fala em corda”; “Quem quer chamar galinha não diz que xô!” “Saco vazio não para em pé”. “Muito riso é sinal de pouco siso.” “Casa de ferreiro, espeto de pau.” Os participantes poderão se inspirar na obra *Vozes do saber das gentes*. Juiz de Fora, 2001.



AGENDA

➤ Missa conga

A missa conga é uma criação dos folcloristas padre Edeimar Massoti, padre Nereu de Castro Teixeira e Romeu Sabará da Silva. Frei Francisco van der Poel é quase o oficiante obrigatório dessa celebração. Outro companheiro nosso, Frei Leonardo Lucas Pereira, se destaca em Divinópolis e região. Faz parte do ritual a abertura do santuário, em que se celebrará. Este ritual imita a abertura da basílica de São Pedro no Ano Santo celebrado a cada cinquenta anos. A abertura é precedida do “lamento do negro”, o qual implora ao sacerdote a graça de ingresso no templo. Pois bem, há cerca de dois anos, Frei Chico foi convocado para celebrar esta missa no povoado de Pinhões, município de Santa Luzia. Participou da solenidade um terno de Moçambique externo á comunidade. Pinhões conta com um grupo de dançantes de Nossa Senhora do Rosário que pode ser interpretado como componentes do Congo Real e se intitula terno de Catopê. Informado desse evento, comentei com Frei Chico. “Pelo menos em Pinhões, o ritual da missa conga deveria receber um acréscimo: Enquanto o terno de Moçambique implora ao sacerdote a abertura da igreja, o coral local, já do lado de dentro responde em gregoriano e em latim: “Vidi aquam orientem de coelo” – Eis que vejo uma água que nasce do céu -. O acréscimo não é casual. Pinhões nasceu à sombra do educandário, depois mosteiro de Macaúbas. Não poucos deles conhecem latim e cantam em latim. O coral local de jovens e crianças já cantou no Vaticano para Sua Santidade, o Papa. Com esta versão, a celebração assume uma visão completa do processo de acolhida do negro em nossa formação social. Pesquisas e vivências de pesquisadores apontam para a chegada de escravos não apenas batizados compulsoriamente, mas também dos evangelizados. Darci Ribeiro narra em *Confissões* seu espanto ao visitar um quilombo isolado. Esperava encontrar nos negros apenas a memória de uma África precolombiana e se deparou com todas as encenações do catolicismo popular. Nosso estudioso maior desse continente em *A enxada e a lança, A África antes dos portugueses*, Alberto da Costa e Silva, afirma entre outras coisas; o contato dos etíopes com religiões asiáticas e a introdução precoce do cristianismo na Núbia. Como diz Henri Lefebvre, a França não se resume nos Gauleses nem em Asterix.



➤ Inauguração do Centro de Artes Populares

Está previsto para o final deste mês de março a inauguração solene do Centro de Artes Populares, o qual ocupará amplo espaço na Rua Gonçalves Dias entre a rua da Bahia e a Avenida Bias Fortes. Segundo nos informou a senhora Secretária de Estado da Cultura, a Comissão Mineira De Folclore terá livre acesso a este espaço para reuniões das Assembleias Gerais bem como para promoção de eventos de sua programação.

Fica desde já feita Convocação de uma Assembléia Geral a ser realizada no primeiro sábado do mês de abril para examinar a seguinte pauta:

Fixação da anuidade devida pelos membros efetivos para os anos de 2011 e 2012.

Remissão ou não de anuidades não pagas pelos membros efetivos em exercícios anteriores.

Dispensa de pagamento de anuidade para os membros colaboradores.

Quitação das dívidas com o fisco.

Critérios de admissão de novos membros efetivos. (Proposta preliminar para ser avaliada: A admissão de novos membros efetivos fica condicionada 1. à qualificação exigida para estudar o folclore pelas obras já publicadas – livros, artigos, registros documentais, vídeos, filmes. 2. a apresentação de um projeto a ser desenvolvido sob sua coordenação com participação de outros membros da CMFL. 3. A condição de indicar fontes de captação de recursos para o referido projeto.

Programação de uso de espaço do Centro de Artes pela Comissão Mineira de Folclore.

Apoio às instituições formais e informais que tenham afinidade com os objetivos da Comissão Mineira de Folclore – Universidades, prefeituras, instituições de educação em geral, associações comunitárias, etc.

Programa de publicação e convênios ou parcerias com editoras.

Outros assuntos de interesse dos membros da CMFL.

Observação: oportunamente, serão examinadas duas propostas quanto ao encaminhamento do futuro da CMFL. A primeira de Antônio de Paiva Moura, anterior ao ano de 2007 que cria uma Fundação e mantém a CMFL como Curadora; e a segunda de autoria de Carlos Felipe que seria examinada na sessão extraordinária da Assembléia do dia 3 de setembro e que implicava na extinção da Comissão. Pelo esforço do Diretor Jurídico da AFAGO, nossa Comissão está sendo plenamente regularizada do ponto de vista fiscal e pode assumir o status de uma OSCIP dado que seu Estatuto se encontra atualizado como exige o novo Código Civil

Artigos

- Cultos afro-brasileiros: a busca de uma teologia pluralista.
frei Francisco van der Poel ofm

CONCEITUAÇÃO

Como e quando surgiram as palavras e as línguas? ... *Ei! Vai embora! Vem cá.* Uma ameaça, um convite... A língua é uma forma da comunicação humana historicamente elaborada. Ao mesmo tempo a palavra é necessária na vida presente de todos nós. O verdadeiro significado dos conceitos usados tem como limite uma determinada cultura. Nossas palavras podem não ter o mesmo sentido em outra cultura. Tudo isso vale também para a própria palavra “pluralismo” que, para nós hoje, envolve a questão da mestiçagem e do sincretismo. Convém lembrar que culturas são dinâmicas e não estáticas. Uma análise deste assunto não permite superficialidade.

Pluralismo, num sentido amplo, é o reconhecimento da diversidade. No mundo existem realidades independentes e mutuamente irreduzíveis. Nele até mesmo indivíduos, apesar de solidários entre si, conservem a autonomia e a liberdade. Na modernidade e pós-modernidade, as ciências, artes e religiões começaram a mudar seus discursos e suas doutrinas. Importantes neste processo foram pesquisas históricas e o conhecimento amplo de outras culturas, através dos novos meios de comunicação.

Na filosofia atual, os conceitos secularismo, relativismo e pluralismo ganharam evidência. A própria verdade passou a ser definida como algo que se procura conhecer. Ficou claro que a verdade não começa com uma bela teoria memorizada. Sendo assim, pessoas responsáveis devem pensar por elas mesmas. Este deveria ser o primeiro objetivo da educação em casa e nas escolas. Vamos aprender a ficar satisfeitos com os caquinhos que alcançamos nesta busca contínua. A provisoriamente no pensar faz parte também do ensino religioso católico no qual o discurso único passou a ser questionado.

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Sem um deus vivo qualquer religião ou culto perde o sentido.

A teologia surge a partir da experiência religiosa vivida em comunidades de hoje e do passado. As religiões adquirem formas culturais diversas de acordo com a experiência religiosa de cada povo. O teólogo John Mbiti escreveu o livro “Os nomes de Deus na África.” A obra revela como cada nome divino e respectivo culto corresponde a realidade atual e histórica de cada povo. Quase todos cultos mencionados são monoteístas.

Felizmente, a Bíblia sagrada não é um manual de teologia, mas um livro sagrado que relata a experiência religiosa de um povo. Ela contém histórias, provérbios, cantos, leis, profecias, cânticos e orações. O Deus vivo, que nele se revela, fundamenta a fé de judeus e de cristãos modernos. Seu conteúdo vai desde a criação do mundo até ao fim dos tempos. Este livro é, e sempre foi, normativo para judeus e cristãos, assim como a regra e a vida de São Francisco são normativas para os frades franciscanos. Leis e doutrinas, ritos e simbolismos são criados e renovados de acordo com as necessidades das comunidades. Um bom número de mandamentos, orações e rituais em uso hoje já constam da Bíblia e provam a fidelidade histórica da religião referida.

MAS, ... E AS OUTRAS RELIGIÕES?

Artigos

Quase todos os povos conhecem o mito da criação do mundo. Segundo as suas tradições escritas ou orais, um só Deus criou o mundo do nada, isto várias religiões acreditam piamente. Nenhum ser humano estava presente para servir de testemunha. No candomblé iorubá, o divino criador é chamado “Olorum”, e no candomblé banto, tem o nome de “Nzambi”. Deus criou as forças da natureza. A criação é um mistério que não se refere apenas ao ato inicial (o primeiro chute) mas a algo contínuo que faz parte da experiência religiosa atual. Deus cria o mundo agora e sem ele nada existiria. O relato da criação do mundo é histórico na medida em que ela também pretende falar do início da história humana. Mitologia e história não podem ser separadas porque falam da mesma realidade.

A diversidade de mitologias revela que até mesmo o Deus absoluto e sem limites, no universo pluralista e humano, é finito. No diálogo entre as religiões, cada uma tem muito a apreender com as outras. Em Nova Iguaçu (RJ), o balorixá Marcos Palmares mantém um conjunto de dois terreiros: candomblé (mais africano: iorubá e bantu) e umbanda (mais brasileiro com caboclos e pretos velhos), havendo cerimônias apropriadas em cada um. Ainda tem um cruzeiro das almas. Assim ele procura reunir valores reconhecíveis no Brasil.

FORÇAS DA NATUREZA

Os candomblés iorubá, angola e jeje cultuam respectivamente orixás, inquices e voduns. São as forças da natureza personalizadas e associadas a elementos históricos/míticos das suas culturas. Nos candomblés, as forças da natureza, criaturas de Deus, se tornaram entidades religiosas. De modo comparável, na Bíblia (Dan, 3,57ss) as “potências dos céus” (montes, rios, rios e fontes, gelos e neves, as plantas) são invocadas para louvar ao Deus criador. Também o medieval São Francisco personifica as mesmas forças, chamando as de irmão sol, irmão vento, irmã água, irmã lua. Pensando bem, temos nos cultos afro-brasileiros um aliado na luta pelo meio ambiente.

MUNDO VISÍVEL E INVISÍVEL

Outro elemento constante nos cultos afro-brasileiros chama a nossa atenção: a divisão da realidade em um mundo visível e um mundo invisível que se encontram no mesmo lugar. Com isso, o Deus supremo, as forças da natureza e os antepassados estão perto de nós. O culto celebra o encontro do ser humano com o mundo invisível. Segundo o candomblé iorubá, os orixás vêm para dançar com seu povo. As mitologias elaboram esta relação. A teologia bíblica usa termos como aliança, encarnação; Deus vê os homens, anjos trazem mensagens, profetas falam em nome Dêle. O cântico dos cânticos compara esta relação a um namoro. E um antigo verso popular fala do mistério da encarnação: *Como o sol pela vidraça/ entra e sai sem tocar nela/ Assim foi Nossa Senhora/ pariu e ficou donzela.*// Hoje, a teologia católica tenta reformular o tradicional esquema: céu, inferno, purgatório e limbo. Talvez, o modo de entender a relação entre Deus e dos homens, repartindo o mundo que habitamos em “visível e invisível”, possa empurrar a teologia para caminhos novos e menos complicados.

AMARRANDO AS PONTAS

Nos tempos pós-modernos, padrões estabelecidos (morais, culturais, religiosos) passam a ser questionados e começam



LÚDICA FOLCLÓRICA

Chamamos de Lúdica Folclórica o conjunto de brincadeiras e brinquedos tradicionais, que constituem uma das principais manifestações da cultura popular e do folclore. Trata-se do primeiro contato do ser humano, ainda criança, com a cultura do seu povo. Daí a importância do mesmo, como elemento de identificação cultural e como instrumento de socialização, de aprendizado ou de educação dos indivíduos.

As brincadeiras e os brinquedos tradicionais podem ainda ser denominados de folclore lúdico e folclore infantil.

Muito cedo a criança pode tomar contato com os modos de pensar e agir do agrupamento social ao qual pertence, se estimulada através do folclore infantil, como o caminho mais curto, mais agradável e afetivo, que propicia o seu desenvolvimento físico, mental, cultural, social e humano.

O “faz de conta”, contido nas brincadeiras tradicionais, é elemento de suma importância para a etapa de vida de uma criança, porque, como ser humano, diante do atual estágio de angústia que domina a sociedade tecnológica, torna-se cada vez mais urgente a humanização das relações sociais, a busca do sonho, da utopia, do brincar, do divertir e de ser feliz: *homo sapiens - homo symbolicus - homo actualis - homo ludens - homo felix*.

Desde o acalanto, como primeira manifestação folclórico-cultural que o bebê tem contato, passando pelas parlendas, as adivinhas, as trava-línguas, as brincadeiras de roda, os jogos populares, os brinquedos artesanais e até mesmo as estripulias, vistas aqui como as travessuras saudáveis e próprias da natureza infantil e juvenil, podem perfeitamente servir de instrumentos de educação e de desenvolvimento do ser humano, se adotados ou utilizados em toda a sua plenitude pelos pais, pelas escolas, pelos meios de comunicação e presentemente pela informática.

Como nos ensinava o Mestre Saul Martins, em qualquer agrupamento humano se pressupõem 2 forças culturais essenciais (1):

1ª- Coesão: unidade de espaço: mantém a sociedade coesa, unida nos limites físicos e territoriais – depende do grau de identificação dos seus membros, como os hábitos, costumes e modos de se organizar, com o papel de unir e integrar os indivíduos;

2ª- Tradição: unidade de tempo: depende do grau de enraizamento das formas de vida, que mantém um grupo unido por determinado tempo; força que garante a passagem dos conhecimentos de uma geração para outra.

Essas duas forças culturais são intrínsecas à lúdica folclórica, fazendo dessa última um forte instrumento de integração dos indivíduos, além de servir de canal de transmissão de conhecimentos gerais de uma geração para outra.

Segundo ainda Saul Martins, “mediante o folclore, a criança toma contato com seu povo e aprende seus padrões, modos de pensar, sentir e agir, critérios de valorização, enfim - ela assume sua cultura” (1).

Para Piaget, “o desenvolvimento mental da criança é uma equilibrção progressiva, que se dá através dos jogos e brinquedos” (11).

a ruir. Pensadores religiosos percebem que a verdadeira religião não necessariamente coincide com uma instituição. A verdade todos buscam. A provisóriedade salta aos olhos. Mas nem tudo é relativo. A busca da verdade pode unir as pessoas. Os vivos de hoje são responsáveis pela sociedade humana, pelo meio ambiente e pelo culto ao criador.

Marco histórico nesta caminhada foi o dia de reflexão e oração pela paz no dia 27 de outubro de 2012, em Assis, convocado pelo papa Bento XVI. Esta vez participaram, além de líderes religiosos, também agnósticos. No encerramento deste diálogo ecumênico e intercultural, o papa disse: “Não mais violência, não mais guerra, não mais terrorismo! Em nome de Deus, cada religião leve sobre a terra justiça, perdão, paz, vida e amor! - O primeiro dia de Assis, ousado e profético, aconteceu em 1986 a convite de João Paulo II, o polonês.

A verdade acontece...! Basta prestar atenção: olhando, cheirando, tocando, ouvindo. Nosso conhecimento começa sensorialmente.

Coisas que acontecem entre nós:

A *via-sacra da Rocinha*, no **Rio de Janeiro**, já existe há aprox. 20 anos. É encenada por 47 atores que residem na **favela**: vendedores ambulantes, operários, camelôs, garçons. Gente de todos os credos: “macumbeiro, ateu, católico e evangélico” diz René Garcia, da igreja batista. O importante é que “o espetáculo fala de Jesus. (...) Continuamos amigos, respeitando o pensamento de cada um”. Seu fundador é o morador Aurélio Mesquita, e o público de seis mil pessoas em 2002, acompanhou a *Paixão de Cristo* desde o Largo do Boiadeiro, na entrada da Rocinha, até a parte alta da favela, um *palco* com 2 km de extensão. A peregrinação de Jesus carregando a cruz acontece também no meio do trânsito de ônibus e caminhões na Estrada da Gávea, e o sermão da montanha é feito da marquise de uma padaria. Jornal do Brasil. 28/03/2002. Caderno B, p. 1.

Outro exemplo de pluralismo religioso observamos quando **Tancredo Neves**, presidente civil eleito em 1985, estava para morrer de diverticulite e o povo brasileiro se uniu em oração. As contendas entre as diversas religiões e confissões desapareceram. Na frente do hospital, foram realizados cultos afro. Em todo o país, foram celebradas missas pela sua cura. Católicos ajoelhavam-se ao lado de espíritas. Cruzes de penitência, rezas do terço, sacrifícios para Oxalá, vigílias e esconjurações das más vibrações cósmicas eram expressões tão fortes do povo unido em prece pelo novo presidente e pela Nação que deixaram surpresos a todos.

Em 27 de novembro de 2011, no bairro Santa Tereza, no Rio de Janeiro, houve uma grande procissão ecumênica com a participação de muita gente com velas na mão, em memória do desastre dos bondinhos e a favor do bom funcionamento do mesmo meio de transporte tradicional naquele lugar.

Em outubro de 2011, no parque municipal de Belo Horizonte aconteceu a oração pela paz com participação de budistas (tibetanos), hara Krishna, judeus, espíritas, umbanda, candomblé banto, lutaranos, prespiteranos, anglicanos, católicos. Cada grupo manifestou-se à sua maneira. A mesma manifestação aconteceu em várias partes do mundo, a exemplo daquela que aconteceu em Assis por iniciativa do papa João Paulo II, em 1986.

Arvid Bengtsson, Suécia, em *A Criança e a Brincadeira* (11), afirma: “Brincar é uma atividade espontânea, livre de tensão, com o fim do prazer, exprimir agressividade, para dominar a angústia, aumentar experiências ... Brincar é uma representação do meio, do mundo do adulto, que possibilita a convivência grupal e social, através da interação entre as crianças. Desperta o sentimento de cooperação, sociabilidade e amizade, num processo de novas descobertas, de emoções e contato com objetos (plano físico), com criatividade ... Quando a criança recebe um brinquedo pronto, logo abandona-o ou passa a desmontá-lo, para ver o que o compõe, como funciona, ou o destrói. Mais vale o processo do que o produto pronto”(11).

No meio urbano a prática da lúdica folclórica encontra limitações: a ameaça à segurança, devido ao excesso de automóveis (o trânsito mata mais crianças que qualquer doença infantil) e a própria violência urbana (criminalidade e seqüestros).

No meio rural, por outro lado, as brincadeiras são livres: estão ligadas à representação da realidade e do trabalho dos adultos e ao meio-ambiente: fontes da natureza, rios, lagos, árvores, animais: pesca, nado, barquinhos, subir em árvores, gangorras, arapucas, papagaios, atiradeiras, cabanas, armadilhas, carrocinhas, modelagem em argila e etc..

Para Maria Ruth Walsh Goldvag Horta, em *Os Brinquedos e o Processo Educativo* (10): “Antigamente não havia conotação acentuada entre trabalho e divertimento. Isto é atual, com determinação de horários, com a divisão do trabalho; com a mecanização e automação do mesmo. ... Os jogos e brinquedos eram comuns a todas as idades (no passado). Atualmente surge a separação entre idades. ... Os jogos abandonados pelas classes superiores sobrevivem entre o povo e entre as crianças. ... A partir do Século XIX os jogos recreativos são transformados e adotados como esporte. ... A primeira brincadeira da criança é com o próprio corpo, experimentando movimentos: abrir e fechar olhos, bater palminhas. ... Segunda fase: utilização de instrumentos, o chocalho, descobrindo o movimento em relação ao barulho. ... Os brinquedos eletrônicos são mais afirmação de ‘status’ do que aproveitamento para a educação mental e motora”(10).

Para Nilo Pereira, em *Prefácio de Folclore Infantil*, de Veríssimo de Melo, (2): “O mundo mágico da criança é a irrealidade ... uma criança, assistindo uma novela de televisão, identificou uma certa artista, dizendo ... ‘Sei qual é o seu nome na vida real’. Ora, a vida real não é o mundo de uma criança. Por mais que a sociedade humana progrida e a tecnologia avance, haverá sempre zonas de preservação psicológica, que jamais poderão ser invadidas. ... O ‘fazer de contas’ é algo de inventivo na vida infantil ... Precisamos cada vez mais de utopias, diz Nicolau Berdiaeff. Isso é profundamente exato para o homem, assim como as velhas estórias são para a criança, que também tem as suas utopias”.

Segundo Florestan Fernandes, em citação de Veríssimo de Melo, “o folclore possui um valor educativo. Pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida social, amadurece para tornar-se um adulto em seu meio social”. Para o referido autor, o folclore faz a criança agir, cooperar e competir como ser social, com regras estabelecidas. “Introjeta em sua pessoa técnicas, conhecimentos e valores que se acham objetivados culturalmente” (2).

O folclorista mineiro Armando de Paula, assim explica: “esse intercâmbio permanente entre cultura do povo e a chamada cultura erudita contribui para um mais ágil e eficiente aprendizado no 1º Grau (ensino fundamental) e na socialização da criança nos períodos

pré-escolares. (...) O mundo do folclore é atraente, rico e variado. Constitui uma fonte inesgotável de motivação didática sobre ser recreação sadia, permanente e atual” (6).

Em suma, são essas as principais características da lúdica: desenvolvimento físico, mental, da personalidade, da sociabilidade e socialização (aprendizado, interação, cooperação e vivência grupal), da criatividade, da adaptação ao meio, da integração sócio-cultural, do universo simbólico: a fantasia ou o “faz de conta”;

A lúdica folclórica pode ser assim classificada, conforme proposta do folclorista Veríssimo de Melo (2):

- Brincadeiras

. acalantos; parlendas; adivinhas; brincadeiras de roda; outras brincadeiras.

- Jogos Populares

. fórmulas de escolha ou seleção; jogos gráficos; jogos de competição; jogos de sorte ou de salão.

- Brinquedos

. armas e armadilhas; aéreos; giratórios; motores; acústicos; habilidades.

- Estripulias

. travessuras sob as mais diversas formas.

São esses alguns exemplos de manifestações da lúdica folclórica, conforme a classificação apresentada:

Brincadeiras

1 - acalantos: cantigas de berço - para embalar o sono das crianças - primeiro gesto de solidariedade ao recém-nascido; são lentas, simples e usam de som onomatopaico: Boi, boi, boi, boi da cara preta / pega esse menino que tem medo de careta ...; Dorme neném ...; Sapo cururu / na beira do rio ...

2 - parlendas (são ditos instrutivos e satíricos com rimas e sem música, dividindo-se em 4 categorias): - *brincos* (as mais simples, para a 1ª. infância, com iniciativa dos adultos, como etapa seguinte dos acalantos, para crianças acima de 6 meses) Bítu, bítu, bítu, ... bé (cabeçadas); Ca-va-li-nho (com a criança sobre as pernas em movimento ritmado com a palavra citada); Mole-mole / mole-mole / quem se ri há de apanhar (balançando o braço da criança, levando-a ao rosto, como palmada); Cadê o bolinho que estava aqui? Resposta: O rato comeu. Procura-se o rato subindo o dedo pelo braço da criança, fazendo cócegas; Janela, janelinha, porta, campainha. Pêm! - *mnemonias* (expressão de Câmara Cascudo) ou mnemônicas (para decorar - para facilitar a memorização - iniciativa do adulto, ensinando a criança): um, dois, feijão com arroz/três, quatro, feijão no prato ...; um, dois, três/quatro, cinco, seis/sete, oito, nove/ para doze faltam três; Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos, fura bolo e cata-piolho. - *parlendas maiores* (ou propriamente ditas, segundo Veríssimo de Melo, com a iniciativa das próprias crianças): Bem me quer / mal me quer (para saber se é amado); Quem vai ao ar / perde o lugar ...



(ironizando quem perdeu o lugar); Sol com chuva / casamento da viúva (ao ver um arco íris); Hoje é domingo / pé de cachimbo ... (um coisa que leva a outra); Éramos três / comigo quatro (pede-se alguém para dar esta resposta) fomos os três andando / comigo quatro / subimos os três um morro / comigo quatro / encontramos três burros / comigo quatro (cai-se de gozação sobre a pessoa que vinha respondendo); No alto daquela serra / tem um velho gaioleiro / quando vê moça bonita / faz gaiola sem ponteiro (ditos e rimas); Eu tinha dois gatos. Um chamava grapete e o outro repete. Grapete morreu. Quem que ficou? (a outra pessoa responde Repete, a estória é novamente contada, gozando-se quem deu a resposta - estória sem fim); Entrou por uma perna de pato / saiu por uma perna de pinto / meu senhor mandou dizer / que contasse mais cinco (anunciando o final da estória e pedindo que outra pessoa conte mais estórias). - *trava-línguas* (exercícios de dicção ou de correção de dificuldades da fala): O peito de Pedro é preto / Quem não disser que o peito de Pedro é preto / tem o peito mais preto do que o peito de Pedro; Quando digo digo / digo digo / não digo Diogo / quando digo Diogo, digo Diogo, não digo digo; Num ninho de mafagafos / Seis mafagafinhos há / quem os desmafagafizar / bom desmafagafizador será.

3 - Adivinhas (conjunto de analogias e personificações - facilitação do conhecimento - de clara influência portuguesa, “a adivinha, adivinhação, é um dos gêneros mais impregnados do iberismo exportador da espécie” (2), segundo Câmara Cascudo: o que é, o que é? quanto mais cresce, menos se vê? (a escuridão); quanto mais se tira, mais aumenta? (a terra do buraco); alto está / no alto mora / ninguém o vê / todos o adoram (Deus); qual a ave que não tem penas? (ave-maria); o que é que anda com os pés na cabeça? (piolho); o que é que tem luz e só vive no escuro? (vaga-lume); altas torres / bonitos penachos / água na flor / flor no cacho (coqueiro); de verde nasceu / de luto cobriu / deu gosto a muitos / no mundo sumiu (o fumo); qual a roupa que o marido não vê a esposa usar? (o luto); quem é que sendo irmã de minha tia, não é minha tia? (minha mãe); sou eu a eleição do mundo / sou eu o pai da razão / faço paz, sustento guerra / sou pior do que Sansão (o dinheiro).; o que é que bota mais depressa o pobre para frente? (uma topada); o que é que ninguém quer ter e tendo não quer perder? (uma questão); o que é que tem no começo da rua, no meio da terra e no fim do mar? (a letra r); de que lado fica o aro da xícara? (do lado de fora); um avião que vinha da Bolívia para o Brasil caiu bem na divisa entre os dois países. Onde deverão ser enterrados os sobreviventes? (em nenhum dos dois, pois não se enterra sobreviventes); um carço sob a pele chama-se calombo ou colombo? Resposta: Calombo. Então responde rápido: quem descobriu o Brasil? Por sugestão o interrogado responde equivocadamente Colombo (Pedro Álvares Cabral); o pato da vizinha do lado esquerdo bota um ovo em cima do muro da vizinha do lado direito. De quem é o ovo? (pato não bota ovo); você tem que atravessar um rio de canoa, com três coisas, uma cabra, um molho de capim e uma onça, mas só pode passar uma de cada vez, sendo que a cabra não pode ficar sozinha com o capim, nem com a onça, porque um come o outro. Como fazer? (leva

primeiro a cabra; volta sem carga; leva o capim; volta com a cabra; leva a onça, volta sem carga, leva a cabra). 4 - Brincadeiras de Roda (Trata-se de uma brincadeira completa pedagogicamente. Exercita-se o raciocínio, a memória, estimula o gosto pelo canto, pela dança e pela música, desenvolve os músculos e o ritmo): Você gosta de mim, ô fulana / eu também de você, ô ... / vou pedir ao seu pai, ô ... / para casar com você, ô ... (a fulana que está no centro da roda abraça outra criança que vai para o centro na próxima rodada); A canoa virou / deixe-a viver / foi por causa do fulano / que não soube remar (o fulano vira para fora da roda e assim sucessivamente); o pião entrou na roda, ô pião / roda pião, bambeia ô pião / sapateia no terreiro, ô pião / roda pião, bambeia ô pião (as crianças rodam e bambeiam conforme pede a letra); atirei o pau no gato / mas o gato não morreu / Dona Chica admirou-se / do berro que o gato deu, miau! (todas as crianças se agacham); quase perco o baú / quase que não tomo pé / por causa de um remador / que remou contra a maré (a criança do centro fica meio ajoelhada, de mãos postas, em frente de outra escolhida, cantando:) Feliz mamãe / tenha compaixão / de ver sua filhinha / em seu coração.

5 - Outras Brincadeiras: Atenção / concentração / vai haver / revolução / a velha caiu / o menino viu / calcinha dela / verde e amarela / azul anil / cor do Brasil / vai ser a velha / quem bater palma (versos intercalados com três palmas pelos participantes; quem bater palmas após o último verso passa a ser a velha); Vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem / Seu lobo está aí? Não! (responde o lobo, que fica à frente do grupo das meninas, de mãos dadas, passeando) Aonde ele foi? Tomando banho! ... Colocando a calça! ... Pegando a bengala! (aí o lobo se vira e sai correndo atrás das outras crianças até agarrar uma, que vai ser o lobo).

Jogos Populares (adaptação ao meio - cooperação - aquisição de idéias - desenvolvimento do caráter - respeito às regras - contém embutido as normas seculares do direito romano: antes do jogo, os participantes estabelecem regras, escolhem juízes, mantêm locais sagrados e punem os infratores). Classificação: - Fórmulas de escolha ou de seleção (para democratizar e evitar descontentamentos): par ou ímpar; dois ou um; qual mão está a pedrinha; cara ou coroa; uni, duni, tê, salamê mingüê, o sorvete colorê, o escolhido foi você; versos e quadras: o anel que tu me deste ...; uma pulga na balança ...; cantigas: caranguejo não é peixe ...; - Jogos Gráficos: maré, amarelinha, caracol ou academia (joga-se cumprindo etapas e tarefas, que vão ficando mais difíceis: na mão, no pé, na testa ...); jogo da velha; forca; - Jogos de Competição: fazer patinhos na água (existe desde Antes de Cristo, era praticado por gregos e romanos, “epostracismo”, conhecido na Inglaterra por “Ducks and Drakes”; chicotinho queimado; cabra-cega; boca de forno - tarefas; polícia-ladrão; mãe-da-rua; queimada; pique - esconde-esconde; rouba-bandeira; pião; bente-altas (como futebol ou beisebol); futebol de prego; sinuquinha; três marias - belisca; jogo de botão (artesanal); pular-corda; pular-toco; bolinha de gude; escorregar pela rua em tábuas ensaboada ou ensebada; - Jogos de Sorte ou de Salão: passa-anel; berlinda; purrinha;

mímica; fazer imagens com sombras; estátua; tapão (figurinhas); olha a onça!; soldado não! - o jogo prevê o rebaixamento se a pessoa demora a responder.

Brinquedos (feitos artesanalmente. Mais interessa à criança o processo como é feito o brinquedo do que o produto final). Classificação: - armas e armadilhas: bodoque; estilingue ou atiradeira; arapuca; besta; arco e flecha (de madeira ou de barbatana de guarda-chuva); canudo e seta (bolinhas de papel mascado, cone de papel); atiradeira de arame; revólveres e espingardas artesanais; espadas; - aéreos: papagaios, pipas, arraias e pandorgas; planadores de papel - aviõezinhos, pára-quedas, balões, lança-capim; - giratórios: pião; piorra; diabolô (também aéreo); hélice voadora (idem); cata-vento; corrupio (botão ou chapinha atravessado por barbante); caleidoscópio; - motores: peteca; bola de meia; tábua de rua; carrinho de rolimã; patinete de rolimã; arco dirigido; cavalo de pau; iô-iô; bilboquê; trança-barbante; - acústicos: apitos (de barro, madeira, folha de ficus); flautas (mamona, bambu); violas; reco-reco e cata-vento; galinha-choca; telefone de latinha e barbante; baterias, tambores e tamborins; matraca da caixa de fósforos; tocar pente; - habilidades: modelagem em argila; dobraduras (barcos, aviões, chapéus, estala-estala ...); bonecas de pano; casinha e guisadinho; perna-de-pau; perna-de-lata; mágicas e truques; tratorzinho de carretel; carrinhos de caixa de fósforo e tampinhas; jangadas de cabo de vassoura.

Estripulias (a travessura, a molecagem e a “falta de juízo” - a transgressão às normas, o “fazer escondido”, o desafio à autoridade, a réplica nos adultos intolerantes - fazem parte do mundo infantil): tocar campainha, bomba-relógio (traques dentro de cigarros acesos), armadilhas (latas de xixi), apanhar escondido flores ou frutos, grudar cones de papel nos tetos, dentre outras ...

O folclore lúdico está condicionado ao meio-ambiente, pois a variedade e qualidade das brincadeiras dependem do meio e são expressão do mesmo: no meio rural, as brincadeiras estão ligadas à natureza, rios, matas, árvores, animais, ou seja, pesca, nado, caça, gangorra; no meio urbano, ligadas aos espaços disponíveis na rua, lotes vagos - é o resultado da passagem da sociedade agrária para urbana, com suas adaptações - reminiscência do campo, adaptada à cidade, gerando maior criatividade.

A maior parte do folclore lúdico pertence ao mundo da infância, não excluída a participação de adultos. No entanto, pode-se relatar algumas manifestações lúdicas folclóricas mais adotadas pelos adultos: truco, purrinha, malha, “pelada” (de futebol, peteca e voleibol), adivinhações ou charadas, pescaria, banhos de rios e cachoeiras, participação em festas populares, folguedos, dança de salão (arrasta-pé ou forró, gafieira, quadrilha), cantar ou ouvir “causos”, cantoria, etc...

O avanço tecnológico, os meios de comunicação, a massificação, o modismo e a globalização estão queimando etapas da vida infantil, estimulando nesses a sexualidade de forma prematura.

Os brinquedos tradicionais, que têm participação ativa e são coletivos, vão sendo aos poucos preteridos pelas crianças, em função da massificação dos industrializados, que por sua vez têm participação passiva e individualista, como os jogos de microcomputadores. Os tradicionais são passados de pai para filho ou de criança para criança. Os industrializados são

empurrados pelos comerciais contidos nos próprios programas infantis de televisão.

No entanto, algumas propostas educacionais e pedagógicas podem ser discutidas e levadas a efeito: o progresso tecnológico pode perfeitamente ser compatível com os traços da cultura popular, com o aproveitamento dos temas folclóricos nos programas de computadores e nos brinquedos industrializados; é viável o incremento do folclore por professores, educadores, artistas, num processo de resgate das manifestações populares tradicionais e sua disseminação; existem recomendações psico-pedagógicas de criação de programas educativos, baseados no folclore, para escolas e creches, em nível federal, estadual e municipal.

O campo da lúdica folclórica é amplo e variado, e pode perfeitamente ser aproveitado pela educação formal, pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pela informática, respeitando os traços das culturas nacionais ou regionais.

Referências bibliográficas:

- 1- Folclore: Teoria e Método. Saul Martins. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1986.
- 2- Folclore Infantil. Veríssimo de Melo. Livraria Editora Cátedra/INL-MEC. Rio de Janeiro. 1981.
- 3- Lazer e Cultura Popular. Joffre Dumazedier. Editora Perspectiva. Coleção Debates. São Paulo. 1976.
- 4- Folclore - Roteiro de Pesquisa. Tião Rocha. CPCD/CMFL. Patrocínio SESC/MG. Belo Horizonte. 1996.
- 5- Brinquedos Tradicionais Brasileiros. Edição SESC/SP. Texto sociológico: Paulo de Salles Oliveira. São Paulo. 1983.
- 6- O Ensino como Extensão da Vida. Armando de Paula. Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1985.
- 7- Enrola-Bola. Francisco Marques (Chico dos Bonecos) e Rubinho do Vale. Arte Brasileira Alternativa. Belo Horizonte. 1997.
- 8- Mil Brinquedos para a Criança Brasileira. SESC/SP. São Paulo. 1982.
- 9- Roda Pião, Bambeia, ô Pião. Luiz Fernando Vieira Trópia. Em Boletim da Comissão de Folclore Hermes de Paula. Ano II nº 2. Montes Claros. 1987.
- 10- Os Brinquedos e o Processo Educativo. Maria Ruth Walsh Goldvag Horta. Em Boletim de Intercâmbio. Nº 17. SESC. Rio de Janeiro. 1984.
- 11- A Criança e a Brincadeira. Arvid Bengtsson. Em Boletim de Intercâmbio. Nº 17. SESC. Rio de Janeiro. 1984.

Luiz Fernando Vieira Trópia

Sociólogo - Membro da Comissão Mineira de Folclore



Parceria espontânea com a AFAGO

Após o apoio espontâneo da Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia – AFAGO – vale a pena conhecer um pouco dessa Instituição. Um dos objetivos maiores da AFAGO coincide com o que foi mencionado nos convites distribuídos pela CMFL às autoridades. A AFAGO declara em seu Estatuto: serem objetivos: “realizar periodicamente reuniões sociais, culturais, recreativas e outras que visem estimular o relacionamento, o espírito comunitário e de solidariedade mútua entre os membros da colônia Gouveiana, além de preservar os laços afetivos com a cidade de Gouveia e sua população, em geral” (...) “velar pela preservação da memória histórica da cidade de Gouveia e sua comunidade”. A Comissão informa aos convidados: “A Comissão Mineira (...) É, portanto, pioneira na luta pela promoção do Patrimônio Imaterial, do Desenvolvimento Sustentável, do estabelecimento de políticas públicas para atender à crescente imigração rural urbana da qual decorre a perda de identidade – consequência do desenraizamento.”

A direção da Afago atualmente exhibe a seguinte composição:

- Conselho de Administração
 1. Presidente **Raimundo Nonato de Miranda Chaves**
 2. Vice-presidente **Haroldo Antônio Ribas**
 3. Secretário **Guido de Oliveira Araújo**
 4. Tesoureiro **Adilson do Nascimento**
 5. Diretor de Comunicação **José Moreira de Souza**
 6. Diretor Social e Cultural **Geraldo Augusto Silva**
 7. Diretor Jurídico **Manoel Luiz Ferreira de Miranda**
- Conselho Fiscal
 1. **Milton M. Ferreira de Miranda** titular
 2. **Geraldo da Consolação Miranda** titular
 3. **Cleuber Alves Monteiro** titular
 4. **Maria Hilda de Miranda Paixão** suplente

Ciente das dificuldades da Comissão, o senhor presidente, professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves entregou as chaves dessa associação para reuniões e colocou disponíveis todos os recursos, tais como divulgar a Comissão no endereço www.afagouveia.org.br, entusiasmar os membros da diretoria e todos os associados para lutarem pela causa da CMFL.

Quem é **Raimundo Nonato de Miranda Chaves**. Em primeiro lugar uma pessoa generosa e atenta para as causas de promoção humana. Em Gouveia sua principal bandeira é de promoção de uma educação de qualidade nas escolas do meio rural. Pertence a uma família que valoriza a educação

como exigência de desenvolvimento humano. Cursou engenharia rural na Universidade Federal de Viçosa, mestrado e doutorado no Rio de Janeiro e tornou-se um dos pioneiros da informática no Brasil já nos anos de 1960. Exibe amplo conhecimento nas áreas de literatura e do Folclore, e promoveu proveitosos debates sobre o assunto nas páginas do Boletim Informativo da AFAGO.



Manoel Luiz Ferreira de Miranda coincidentemente é primo de Raimundo Nonato. Graduado em Ciências Contábeis e Direito, especializou-se em organização e manutenção de firmas, assistência fiscal e tudo mais que diga respeito à área empresarial sob o aspecto jurídico. Estuda atentamente cada demanda dos clientes e é procurado sempre pelos mais exigentes. Preside a empresa Contabilidade Miranda, cujo endereço é Avenida Brasil, 283, conjunto 805. Manoel foi proprietário de uma fazenda no município de Jequitibá, onde conheceu nosso companheiro Geraldo Inocêncio com o qual colaborou para o sucesso das promoções locais relacionadas ao Folclore. Foi também diretor da Cooperativa Agropecuária de Jequitibá vinculada à CCPR – Cooperativa Central dos Produtores Rurais. Os serviços voluntários prestados à Comissão Mineira de Folclore pelo doutor Manoel Luiz marcam o empenho em contribuir para o sucesso de todas as causas que tenham a pessoa humana como centro. Dispensando remuneração e com elevada competência pesquisou a situação fiscal e colocou em dia todas as pendências para com a Receita Federal. Nenhum profissional agiria com tamanha presteza.



UMA RELEITURA DOS BOTOCUDOS: OS ATHORÃN/KRENAK¹

Edileila Maria Leite Portes²

Vislumbrei os primeiros dados que direcionaria este estudo³, já no primeiro contato com os *borum/Krenak*⁴, que se deu assim que cheguei à Universidade Vale do Doce, em Governador Valadares⁵, em 2002: um grupo de professores da Instituição, representantes de áreas específicas, recebeu o convite para visitar a aldeia dos *borum Krenak*, localizada próxima às cidades de Resplendor e Conselheiro Pena, no lado leste do Estado de Minas Gerais. Tal convite foi feito pelo *borum Waldemar Krenak, Ichó-Itchó*⁶ que, segundo nos relatou, esteve exilado por muito tempo em outras aldeias espalhadas pelo país e que havia conseguido, entre 1989 e 1998, reunir um grupo de *borum krenak* e estava retornando, voltando ao seu lugar de “origem”: uma faixa de terra situada às margens do rio Doce, localizada entre as cidades de Resplendor e Conselheiro Pena, Minas Gerais, no Vale que tem o mesmo nome do rio. Queria um contato com a Universidade para um estreitamento de laços que, para ele, sabia ser necessário, no momento, num discurso político que, vi depois, caracterizava as suas ações de líder naquela sociedade e que denotava a presença de agências políticas, com as quais, segundo observei, os *borum* já mantinham contato.

Ao chegar, vi um aldeamento diferente do que habita a imaginação sonhadora do romântico. O local onde habitavam se diferenciava dos vistos em outras sociedades nativas. As casas me faziam vislumbrar uma paisagem bem parecida com a de qualquer sociedade rural: eram afastadas umas das outras e, eram feitas em alvenaria. Fomos recebidos por alguns *borum*, entre eles, *Itchó-Itchó* que explicou-nos o motivo de tal mudança: no retorno do exílio, num acordo com o Governo, as terras haviam sido divididas e cada grupo tinha o “seu pedaço”, sua própria casa. Algumas delas foram “herdadas” de fazendeiros que haviam se apossado das terras enquanto estiveram exilados.

Ouvimos do *borum Itchó-Itchó* várias histórias, sentados no chão de uma cabana de palha – ambiente que contrastava com o anterior – para onde nos levou mais tarde. Lá se encontrava um *borum Krenak* que, pelas informações, tinha aproximadamente 13 anos. Não pude vê-lo, pois estava isolado num compartimento fechado da própria cabana. Informaram que o *borum* estava sendo iniciado para ser o desenhista das histórias da tribo. Ficaria ali por uma semana aproximadamente, ouvindo relatos das memórias dos *borum* mais velhos e posteriormente as transporia, em forma de desenhos, para a *Takruktektek*, a “Pedra da Pintura”, onde registram, através de desenhos, as histórias que vão sendo lembradas e os fatos vivenciados pela comunidade.

Novos dados sobre essa sociedade se delinearão também em encontros posteriores. Alguns, fora do espaço da aldeia, fazendo expandir o espaço e o trabalho de campo, uma vez que me permitia traçar comparações das condutas/ações dos *borum* em espaços geográficos e contextos culturais diferentes. Dados que eram observados por mim e aos poucos, foram incorporados à pesquisa. Revelavam, naquele espaço que não era o da aldeia, valores que não são os incorporados pela modernidade⁷. Mesmo fora do seu espaço geográfico, mantinham práticas que são do domínio do universo mítico que vi, mais tarde, é concebido pela sociedade *borum*. No entanto, havia ali também, códigos culturais dos brancos que já haviam sido por eles, incorporados.

Uma maior percepção desse sistema de valores pode se efetivar quando, dois anos depois, o *borum Tãm* ingressou como aluno no curso de Design Gráfico da Universidade onde ministro

algumas disciplinas, dentre as quais destaco a de Arte e Cultura Brasileira, cujo conteúdo permitiu que vários relatos dos códigos culturais dos *borum* pudessem ser ouvidos. Transitávamos, assim, desde os desenhos que produziam até os códigos culturais que vivenciavam. Esse fato aproximou-me também da sua família, o que facilitava o contato e o acesso às informações.

Relatou, naquela ocasião, o impacto que foi, para os *borum* mais velhos, a construção de uma barragem em Itueta, cidade próxima ao território *Krenak*, encoberta pelas águas do rio Doce – *Watu*. O fato da cidade estar localizada logo abaixo do “seu” território, os preocupava: eles se purificam na água do rio e o que deixam lá – energias ruins, maus espíritos – poderia retornar a aldeia uma vez que as águas não mais fluiriam para o mar – estavam represadas. Pude, mais tarde, compreender o sentido que aquele lugar tinha para os *borum*. Ali, nas suas narrativas, o universo cultural daquela sociedade ia sendo delineado. O estreito contato dos *borum* com a água - observado posteriormente - criava um elo com o espaço geográfico *Krenak*, dificultando à adaptação em outros espaços.

A pesquisa estava se consolidando e o espaço do campo se expandia, nesses encontros, os limites da aldeia *Krenak*. Outra narrativa do *borum Tãm*, também em sala de aula, foi o relato do seu pai quanto ao estranhamento que tiveram ao receberem as casas para moradia, no retorno do exílio, citado atrás: as casas de palha com piso de chão batido haviam sido substituídas por casas de alvenaria com piso de madeira. Como o costume, na aldeia, era toda noite sentar ao redor da fogueira e contar histórias, foi o que fizeram na primeira noite, resultando num pequeno incêndio de um pedaço do piso. Relatara o fato entre um misto de riso e ironia. Tal mudança alterava aquele lugar, aquela paisagem, aquele meio e aquela cultura, mudando as relações dos *borum* com o “seu espaço”. Conhecer os *borum* fora da aldeia permitiu-me conceber um novo olhar para os mesmos. Consolidava a percepção de uma sociedade cuja cultura se hibridizava, mas que buscava, concomitantemente, manter as “tradições”.

Apesar das mudanças que se processavam na sociedade *borum* nos contatos com os brancos, as práticas culturais tradicionais ainda faziam parte do universo *borum* e o retorno à sua terra, proporcionava isso. Segundo eles, também queriam que os *kraí*⁸ conhecessem um pouco mais a cultura dos *borum* e soubessem como isso era importante para os mesmos. Foi assim que em 2006, fui convidada para participar do *Athorã* – encontro de várias etnias, seus “parentes”⁹, no território *Krenak*. É um momento, segundo relataram, em que praticam vários rituais e convidam pessoas das suas relações para conhecer e participar dos mesmos. Cumpre-me, neste ponto, esclarecer que o *Athorã*, segundo os próprios *borum*, é uma festa onde buscam a “purificação do espírito”. Relataram, ainda, que o evento tinha sido aberto aos *kraí* com o intuito de aproximar os *borum* das comunidades do entorno, das instituições, numa estratégia política dos líderes, quando do retorno do exílio. Como uma sociedade que tem tido necessidade de se adaptar ao dinamismo das próprias forças que a caracteriza, o grupo, durante o período da pesquisa que relato neste capítulo, se subdividiu e o grupo com o qual mantenho contato mais direto - um dos idealizadores do evento - se autodenominou também *Athorã*, numa significação emblemática de “à espera do novo”, deixando-me entrever as identidades e que vão se formando no território *Krenak*.



Durante o *Athorã*n, tive contato com vários costumes: o ritual da dança do fogo (*kandé*), o da dança do sol (*tepó*), o da caça, o das flautas. Além desses rituais, itens da culinária *borum* estavam sendo preparados em grande quantidade: batata doce e carne de capivara cozida, comida que, segundo relatos, era a tradicional para os *borum*. Os alimentos estavam sendo cozinhados em grandes tachos. Neste dado, a hibridização cultural e a rede de fluxos já se fazia intensa: o *borum Tã*¹⁰ havia se casado com uma *kraí*e, a comida, também poderia ser adquirida com ela - maionese, arroz, feijão e frango frito.

Durante todo o dia, o movimento ali foi grande. As várias etnias presentes numa troca intensa, vendendo artesanatos com características particulares, dançando, conversando, comendo. A comunicação se fazia pelas próprias trocas culturais, simbolicamente representadas numa grande barraca de palha, a exemplo dos mercados populares, armada no centro do terreno e, era lá que estavam pequenos “stands” com o artesanato para ser “trocado”. Apesar da forma geometrizada que comungavam em toda aquela manifestação estética – os desenhos estavam presentes nos objetos, no artesanato e nos corpos - era perceptível traços característicos de cada etnia. Outra troca se processava no mesmo local, num ponto central, num amontoado de madeira para, segundo informaram, se transformar numa fogueira para realização do “Ritual do Fogo” – *Kandé* - que mais tarde, presenciei: com *Krikók* dançavam ao redor da fogueira, cantando músicas ritmadas no batido forte dos pés no chão, soprando as cinzas, o que fazia subir fagulhas, num visual que atraía o olhar. Segundo relataram posteriormente e, mesmo durante outros momentos em que pude participar desse ritual, esse é um momento rotineiro na vida dos *borum* – é onde se “purificam e se regeneram” mantendo as “tradições”. Simbolicamente, esse elemento está vinculado à idéia de “purificação” e “regeneração” (CHEVALIER, 1999; ELIADE, 1998), significados dados a este elemento também pelos *borum*. Quase sempre à noite, os familiares se reúnem para dançar, tocar, cantar e contar histórias, normalmente pelos mais velhos que repassam os conhecimentos aos mais jovens.

Durante este mesmo ritual, as músicas cantadas, segundo nos informaram mais tarde, eram também das outras etnias presentes no *Athorã*n: *Pataxó* e *Guarani*. No canto dos *Guarani*, músicas do folclore advindas, acredito, do contato com as comunidades do entorno, demonstrando a permeabilidade das fronteiras entre os *borum*, os “seus parentes” e os *kraí*, novamente nos reportando à idéia de fluxos, de redes, de culturas híbridas. Na manhã seguinte, se prepararam para a “Saudação ao Sol” - *Tepó*. Como no ritual do fogo, entoaram cânticos ao Sol, à Terra, girando em círculos e batendo fortemente os pés no chão, num barulho ritmado que emprestava musicalidade às letras. Novamente se comungavam com o sagrado. A exemplo de outras culturas tradicionais que se perdem no tempo e no espaço, mesmo sendo o *Athorã*n, conforme relataram, uma estratégia política dos *borum* para uma aproximação com agências, ao lado desse “espaço profano”, era construído por meio dos rituais, um “espaço sagrado”, o que me direcionava para uma melhor compreensão do território Krenak.

Dessa forma, muitos dados vislumbrados neste relato, puderam dar o contorno do que delinea este estudo. Puderam revelar as ações que, analisadas, compreendidas e interpretadas, pelos valores que carregam, pelos significados que comportam, pelos sentidos que percebi existir para os *borum*, foram revelando o “desenho” do território Krenak. Na sociedade *borum*,

portanto, estão presentes concepções de espaço e de território abertas, uma vez que as dimensões territoriais estão mais ligadas ao sagrado, ao sentido que dão a estes lugares, de lugares sagrados revelando, portanto, espaços profanos que ao serem “desenhados”, são “consagrados”, são transformados em territórios simbólicos. Presentes ali, identidades culturais formando novos territórios, novas ideologias e, mais que categorias ou conceitos, estão presentes sentidos onde alma, corpo, identidade, território, arte, territorialidades se fundem formando um território simbólico-cultural.

Notas

¹ Significado na língua Borum Krenak

: “senhor/cabeça da terra”. Tal designação foi dada a esta etnia, a partir da cisão de dois grupos de botocudos: Nakrehé e Gutkrak, de onde se originam os atuais borum krenak

(BAETA, 1998), grupo ameríndio do tronco lingüístico macrogê que se localiza numa reserva de 4.039 ha, no Vale do Rio Doce, região leste do estado de Minas Gerais, entre as cidades de Resplendor e Conselheiro Pena contando, em 2010, com uma população de 319 membros (censo IBGE/2010).

² Bacharel em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Folclore e Cultura Popular e Mestre em Gestão Integrada do Território e Membro Efetivo da Comissão Mineira de Folclore. Atualmente é professora assistente da Universidade Vale do Rio Doce. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nas seguintes áreas: desenho, composição e plástica, percepção visual, cultura, folclore, identidade, território, territorialidades e história da arte.

³ Este relato etnográfico é parte do Capítulo I da dissertação do Mestrado em Gestão Integrada do Território:

“Desenhos de um Território: Arte e Territorialidade na Sociedade Athorã/Krenak no Vale do rio Doce, MG”

⁴ É como se designam. Significa “gente” com o sentido de “essência do ser”.

⁵ Governador Valadares é uma cidade pólo do Vale do Rio Doce, situada na Região Leste do Estado de Minas Gerais, com aproximadamente 250 mil habitantes (censo 2010 – IBGE).

⁶ “Besouro da beira de rio” na língua borum Krenak

⁷ Para a compreensão do que sejam os valores incorporados pela modernidade, trago um estudo anterior (PORTES, 1998, p. 13): “Para alguns autores, é na Idade Média que estariam os germens da modernidade, nos primeiros movimentos que surgiram a partir do esfacelamento dos feudos, nas primeiras conquistas científicas. Ela marcaria, por isso, a transição aos tempos modernos. (...) Segundo José Moreira de Souza (1998) para ser “moderno” tem que “deixar para trás o velho e viver o próprio tempo, vivendo sem superstições e sem temores”. Para viver “sem superstições e sem temores”, necessita-se de “explicações razoáveis acerca das coisas”, pois só assim o homem poderá viver a liberdade em sua plenitude. Na modernidade, não se pode viver “à revelia da natureza, precisa-se de conhecimentos para dominá-la”.

⁸ Homem e mulher brancos na língua *borum krenak*.

⁹ É como denominam os indivíduos de outras etnias – *Maxakali*, *Pataxó*, *Guarani*... - ou brancos que conseguem apreender os seus costumes – conforme relatarei de uma experiência minha durante a pesquisa de campo.

¹⁰ “O filho do meio”, na língua

Borum.

A cultura do viver devagar

Antonio
de Paiva
Moura

Amoroso Lima (1946) observa que a lentidão é uma das mais autênticas expressões da mineiridade. A cultura do viver devagar, saboreando os verdadeiros valores da existência buscando mais a qualidade que a quantidade (p. 113) Esse traço cultural do mineiro está ligado ao passado provincial, quando se multiplicaram os arraiais, vilas e cidades. Desde a época colonial havia florescido em Minas uma indústria artesanal para atender à demanda de tecidos, calçados, instrumentos agrícolas, chapéus, celas, arreatas para tropa de burros, sacarias, laticínios, derivados de carnes bovinas e suínas. A tecelagem chegou a produzir tecidos de qualidade exportando para outras capitânicas. A administração portuguesa proibiu o cultivo de algodão, amoreira e de oliveira. Proibiu, ainda, que qualquer colono se apresentasse vestido com tecidos produzidos na capitania. (Lima, 1970) Após 1822 voltam a funcionar os teares, a agroindústria que produzia açúcar, aguardente, sabão, óleos para iluminação, tudo de forma artesanal. Mesmo os processos mecânicos, nos quais usavam a força hidráulica, como engenho de cana, ralador de mandioca, moinho de milho, monjolo para pilar arroz e café eram muito lentos. Um mesmo artesão preparava o algodão, produzia o fio, fazia a urdidura e tecia a peça. Todo o produto exigia um longo processo de confecção. O transporte em carro de bois, tropa de burros e cavalo de sela, ou mesmo as canoas e barcos, movidos e remo eram muito lentos.

A mecanização da indústria e do transporte é que fez o homem acompanhar o ritmo da máquina, tanto no gesto quanto no projeto existencial. O ocidente, guiado pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, deu ao homem moderno um ritmo frenético. O estilo de vida dos suecos é diferente. Na Suécia não existem grandes cidades como a capital do México, São Paulo, New York, Tóquio. A população da cidade de São Paulo é maior que toda a Suécia. Estocolmo que é a maior cidade da Suécia tem 800 mil habitantes, sendo quase do tamanho de Uberlândia no Triângulo Mineiro. A Suécia tem melhor distribuição de renda da Europa com 40.910 dólares *per capita*, enquanto a renda *per capita* do Brasil é de 3.550 dólares. O IDH (índice de desenvolvimento humano) da Suécia é o sexto do mundo, com 0,956, enquanto o do Brasil é o 70º, com 0,800. O estilo de vida dos suecos é conhecido como a *Cultura do Slow Down*. Qualquer projeto na indústria sueca demora muito tempo a concretizar-se. Os projetos do mundo globalizado no ocidente buscam o imediato com resultados inferiores aos suecos. Não se conhece nenhum outro povo, com cultura coletiva superior à dos suecos. Os norte-americanos difundiram no mundo o *fast food* que é a comida pronta para comer depressa. Os suecos praticam o *slow food* que é o preparar a comida e comer vagarosamente. Não ter pressa significa fazer as coisas com

qualidade. Preferir a vida em pequenas comunidades e ter o prazer de andar a pé. A média de vida no mundo é de 66,57 anos, sendo que na Suazilândia vivem-se apenas 32 anos em média. A Suécia aparece na lista da ONU com 81 anos em média. Os EUA aparecem em 38º lugar com uma média de vida de 78,2 anos e o Brasil, em 92º lugar com uma média de vida de 72,4 anos. Minas Gerais tem a maior perspectiva de vida do Sudeste Brasileiro, com 73,8 anos em média, sendo superior à média do Brasil. Dos 853 municípios mineiros, 719 têm menos de 10.000 habitantes. Somente 4 municípios têm mais de 500 mil habitantes.

O filme *Hanami – Cerejeiras em flor* conta a história de um casal de velhos que vivia sozinho numa pequena cidade da Alemanha. Trudi descobre que seu marido Rudi está com uma doença terminal e resolve viajar para visitar os filhos em Berlim e Japão. Durante a viagem o casal sente a diferença da cultura moderna baseada na pressa e na ambição do ter. A presença do casal de velhos nas casas dos filhos causa mal-estar e revolta dos netos que não sabem o significado do amor, da ternura e do viver devagar dos velhos.

O mineiro ainda é o cidadão mais lento do Brasil. A partir da década de 50 o complexo ferroviário do país passou a ser substituído pela malha rodoviária. As rodovias atenderam a um número muito maior de municípios e Minas Gerais levou estradas asfaltadas a todos os recantos do estado. Os veículos motorizados substituíram em muito o cavalo, mas não eliminou o gosto pela equitação. Minas Gerais é o primeiro criador de eqüinos do país. Conforme estatística do IBGE, em 2006 o estado produziu 865.340 cabeças de eqüinos, sendo 15,6 % da produção nacional. Todos os 853 municípios do estado são produtores de eqüinos, inclusive Belo Horizonte.

O *pret a manger* (pronto para comer) tem pouca acolhida nas cidades grandes de Minas. O evento “comida de boteco”, por outro lado, atrai centenas de milhares de apreciadores da comida bem elaborada. Claude Levi-Strauss (2004) observou que o processo civilizatório tem uma relação simbólica com o “cru” e o “cozido” que passa por um longo processo de elaboração, de preparo, de estudos e objeto de conhecimento. O cru é o estado selvagem no qual prevalecem as ações oriundas do instinto, a naturalidade na forma de proteger-se das intempéries nas cavernas e casas de palha; o andar nu, com pouca roupa e vestido com peles de animais; a caça e os frutos são comidos crus. Quanto maior o grau de civilização e maior o grau de evolução, maior é a duração dos objetos produzidos. A sofisticação e o requinte de um prato ou de uma ceia



podem ser a medida ou paradigma de avaliação da cultura do grupo que a elabora e oferece.

Se a Região Metropolitana de Belo Horizonte apresenta as características do homem moderno, que não tem tempo para outra coisa, senão correr atrás do dinheiro, no Médio Paraopeba vive o povo mais vagaroso, mais lento e mais sem pressa do Estado. Conserva até certo horror pela modernidade, pela vida na cidade. É portador da cultura e da civilização ocidental e cristã, vinda com os imigrantes ibéricos do século XIX. É nos municípios de Belo Vale, Bonfim, Brumadinho, Crucilândia, Moeda,



Leiteiro de Moeda, 209

Piedade dos Gerais e Rio Manso que se encontra a cultura do viver devagar (*slow down*), tal qual viu e descreveu Amoroso Lima, há setenta anos, em Minas Gerais.

Em Moeda o leiteiro, montado em cavalo manso, vai de porta em porta entregando leite de sua própria produção. As garrafas “pet” são esterilizadas e utilizadas como vasilhame, ao invés de irem para o lixo. O leiteiro leva um funil e o caneco para retirar o leite dos latões e despejar nas garrafas. O consumidor recebe o leite integral e antes de utilizá-lo, terá que fervê-lo. Separa o excesso de gordura que é destinado à confecção de biscoito e bolo. Esse fato contribui para que o lixo da cidade de Moeda apresente um pequeno teor de embalagens de produtos industrializados, além de exigir dos consumidores mais trabalho e mais tempo na confecção dos alimentos. Resultado: ganho em qualidade de vida.

O agricultor Antonio Eustáquio de Jesus, morador do povoado de Juliões, a 12 km de Vargem Alegre, município de Bonfim, soube que seu afilhado Vicente de Paula Rodrigues (Nonô) havia sofrido um grave acidente, encontrando-se muito mal em sua residência. Alguns dias depois Antonio resolveu visitar seu afilhado em Vargem Alegre. Arreou seu cavalo “Queimadinho” e se pos em marcha. Para sua surpresa Vicente já se encontrava inteiramente curado do acidente e até um pouco mais

gordo, por causa do período de repouso que passou. Antonio não sabia que o acidente tinha sido há dois meses. A visita durou duas horas. Depois, Antonio encontrou-se com outros amigos e parentes, com os quais bateu boas prosas. Ao entardecer iniciou a cavalgada de volta para casa.

Andar a cavalo é a forma mais salutar de condução humana. Permite que o cavaleiro vá meditando durante a viagem. Permite que o cavaleiro contemple a paisagem em seu redor com minúcias de detalhes. As circunstâncias da vida podem ser recapituladas, fazendo desenvolver a inteligência emocional e comportamental. Basta dizer que a microrregião do Médio Paraopeba apresenta um dos menores índices de criminalidade do Estado de Minas Gerais.



Antônio Eustáquio de Jesus, pequeno agricultor de Vargem Alegre, 2010

Referências

- LIMA, Heitor Ferreira. *História político-econômica e industrial do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1970.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas: ensaio de sociologia regional brasileira*. Rio de Janeiro: AGIR, 1946
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: CosacNaif, 2004.

Cobu da Gouveia: sapato sem meia.

José Moreira de Souza

Estou anunciando o fim desta festa. A festa do Cobu da Gouveia. Abro este banquete para inaugurar áreas de pesquisa em geociências – espaços e sua identificação, em sociologia e etnologia – teorias da identidade, em ciência política - o poder simbólico -, em linguística comparada, em história, em filosofia – ética e regras morais – em economia, em direito e administração pública, em psicanálise e psicologia social, tendo por base um estudo de Folclore. A apalavra-chave é Cobu.

Parece que, independentemente de todos os discursos eruditos, podemos afirmar que o ser humano celebra a amizade verdadeira, o amor clânico, em torno de uma roda. No banquete, cada povo cria um ritual para se alimentar em momentos festivos. Esses momentos transcendem o espírito do provérbio popular: “a fome é negra”.

Diante da fome ou de sua ameaça não há banquete, não há roda, não há mesa, não há tábua redonda. Tudo serve e nada é celebrado.

Aqui apresento a todos um alimento de banquete. A trajetória de elevação desse alimento às honras da mesa e, conseqüentemente, da confraternização merecedora de registro na memória. Digo do Cobu. Melhor, do Cobu da Gouveia, de sua elevação às glórias do banquete.

Nosso companheiro, Luiz Trópia, lembra que em Gouveia a palavra cobu era interdita: “Não diga esse nome perto de um gouveiano. Você corre o risco de levar um tiro na boca”. Guimarães Rosa, por sua vez, registra a identificação de ser da Gouveia com denominar-se cobu.

Que terá acontecido, ao longo do tempo que um nome execrável se elevasse ao centro da roda de confraternização? Quero convidá-los a saborear o Cobu da Gouveia. Com isto digo também que Gouveia os saúda como irmãos e amigos. Como se deu a trajetória de trazer à mesa o inominável? Debruçem-se sobre esta mesa psicanalistas, psicólogos, linguistas, economistas, filósofos, antropólogos e todos os que acreditam em especialidades nas assim chamadas ciências humanas.

Confiro o primeiro assento aos historiadores. No final do século XIX (1897) o historiador serrano *Luiz Antônio Pinto* copiou e publicou, posteriormente, na revista do Arquivo Público Mineiro o testamento de Bernardo Fonseca Lobo – o descobridor oficial dos diamantes no Tejuco – iniciando com as seguintes palavras:

“O que a Gouveia é ainda hoje deve em tudo ao exemplo edificante do capitão-mor e à rigidez de seu caráter igual às pedras por ele descobertas. (RAPM VII, 1903, p.369)”

No testamento, aparece a relação de escravos de propriedade do referido Capitão-mor. **Francisco cobu – Francisco Cabo Verde nação cobu – Francisco novo nação cobu – Antônio cobu – Antônio pequeno nação cobu – Miguel nação cobu.** São seis escravos num plantel de 43.

Em 1969, em estudo patrocinado pelo Centro de Estudos Mineiros, consultei alguns manuscritos do Arquivo Público Mineiro, e no Códice 51 – APM SC Registro de Escravos, vendas, licenças e ofícios mecânicos no Tejuco – 1735 – 1784 encontrei as seguintes informações:

“Francisco Ribr^o Bastos mor^or. na Gouveia, onze escravos a saber 1^o Andre Cobu, 2^o Agostinho Cobu(...)” Em outra relação do mesmo código comparecem as pessoas obrigadas a declarar residência no Distrito Diamantino, e o nome de “ Guiomar Cobu, preta forra com sua pessoa”.

São nove pessoas se de nação cobu residentes em Gouveia entre 1735 e 1742 – ano do testamento de Bernardo.

Fixo que nunca me arvorei em reivindicar o nome historiador especialidade conferida por diploma acadêmico. Os historiadores

da escravidão, regra geral, se embaraçaram com o nome cobu. Além disso, os registros encontrados evidenciam que os membros dessa nação eram pouco numerosos. Então, que venha uma historiadora atual da linha de pesquisa da História Cultural.

Mariza de Carvalho Soares, estudando o caso da devoção a Nossa Senhora do Rosário no Rio de Janeiro, se depara com o desafio já enfrentado por inúmeros outros sobre a nação cobu. Baseada em estudos sobre a África, informa:

O caso dos cabus (cobus, kabus ou ngaabus) é o exemplo de um reino escravizado em larga escala por ocasião de guerras intertribais. De 1725 a 1759 tem lugar uma jihad negra contra os reinos pagãos da costa ocidental. Nessa ocasião uma expedição conduzida pelo Almany Umar à Guiné-Bissau mata o rei cabu, saqueia o reino e aprisiona os sobreviventes¹.

Parece um veredito definitivo. Então que compareçam à nossa mesa estudiosos de linguística, no caso uma “etnolinguista”. O verbete cobu é examinado tendo presente uma obra de 1749 sobre o “falar africano em Ouro Preto no século XVIII”: Vejam o que afirma essa autoridade:

“Cóbù, de Cové, região de grupamento mahi, vizinha de Agonli, muitas vezes referidas como Cové-Agonli, no Benim meridional.”

Após examinar com destaque “A denominações Galino e Cobu (página 130 a 135) repara “Por conseguinte, contrariam o argumento de Mariza de Carvalho Soares a favor de terem sido, assim chamados, por originários do reino de Gabu, da Guiné Bissau.”

Nesse instante caberia um lugar aos psicanalistas. Há aqui questões de regras para a livre associação. Em minha infância, ouvi com prazer de uma pessoa muito querida, - os gouveianos presentes sabem que me refiro a Geraldo Leocádio, ou Geraldo Príncipe -, a seguinte afirmação jocosa: Estômago , toma esse nome de tomo angu. Estômago é o lugar do angu”. Belíssima associação.

Para preparar a entrada solene do folclorista, há que convocar os animadores culturais e os profissionais de comunicação -cabe lugar secundário aos geógrafos-. Ávidos de divulgar a culinária mineira têm exibido diferentes receitas de cobu em Minas Gerais com esse e outros nomes - cubu, João deitado, pau a pique e certamente, muitos outros -. O cobu como bolo de fubá assado na palha de bananeira está hoje disseminado em todo o estado de Minas Gerais, e o historiador deve trabalhar com a hipótese de ele ter se disseminado primeiramente pela s Estradas Reais e pela Rota do Sertão da Bahia –caminho dos currais - que vinham ter às Minas no século XVIII; há, porém, outras hipóteses mais consistentes. Transcrevo o que escrevi a um amigo da cidade de Garça - São Paulo – no dia 28 de fevereiro passado.

“É chegado o momento do folclorista. Gouveia conserva as duas memórias, a do bolo de fubá e a da nação africana. A junção dessas duas memórias explica a importância de colocar o cobu no centro de nossa roda de banquete.

Tem mais. No dia da posse, em pleno Palácio das Artes, será oferecido como “merenda” aos convidados um Cobu



da Gouveia com café feito com rapadura. Coisa de folclorista. Ficaria por aí, se o cobu fosse apenas mais um componente da culinária exótica tão desejada pelos marqueteiros do turismo. Porém, o cobu da Gouveia sintetiza inúmeras histórias altamente provocativas. É como a hóstia consagrada. Cristo vivo e inteiro sob as aparências de pão. “O que é a hóstia antes da consagração?” Perguntava-nos o “Segundo Catecismo da Doutrina Cristã”. Deveríamos responder com agilidade: “É pão”. “E depois da Consagração?” desafiava o Catecismo. “É o corpo, sangue, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Sem nenhum desrespeito ao Catecismo, vou perguntar aos presentes: O que vocês vêm neste bolo de milho enrolado em palha de banana? Espero entre outras respostas: “Uma comida estranha, uai!” Pois bem, depois que souberem o que estão saboreando, dirão diferente: “É a história da presença de um povo dizimado na África. É o maior sinal de transcendência do preconceito. Pelas Minas afora, as pessoas comem cobu com esse ou outros nomes, sem respeito a essa memória. Não “fazem isto em memória de ninguém”. Comem, matam a fome ou a curiosidade. O Cobu da Gouveia que vocês irão comer é um cobu com história. Muita história. O povo de nação Cobu do grupo galino que habitava a África era já reduzido quando todos foram capturados como fruto de guerras internas estimuladas pelo mercantilismo europeu. Os sobreviventes embarcaram para o Brasil. As Minas viviam o esplendor. Alguns chegaram às Minas de Diamante pelos caminhos da Bahia, outros, pela chamada Estrada Real. Desse número inexpressivo, grande contingente como duas ou três dezenas foi ter ao arraial de Gouveia. Bernardo Fonseca Lobo, o descobridor oficial dos Diamantes era detentor do maior plantel, algo como dez negros cobu. Bernardo faleceu em 1763 e, como determinava no Testamento, foi sepultado na capela do arraial de Gouveia. Essa história é muito antiga para permanecer na memória popular. O que terá acontecido, então, para que a memória se fixasse numa comida como símbolo? Caminhamos para o século XIX. Em fins do século XVIII a Real Extração ampliou seus serviços em torno do arraial de Gouveia. Cerca de novecentos escravos, juntamente com os fiscais e guardas, se estabeleceram no arraial. Porém, no início da terceira década do século XIX, os serviços da Real Extração se transferiram de Gouveia para uma paragem onde existiam apenas quatro fogos denominada “sítio do Horta”, posteriormente, Datas. O diamante em profusão ensoberbeceu o povoado nascente e aí começou a rivalidade com Gouveia, sede de distrito e de capela curada. O povo (?) elite de Datas para menosprezar Gouveia dizia que ali era a “terra do cobu” e batucava: “Cobu da Gouveia/ Sapato sem meia.” Funda-se o momento da memória popular. Ela se aprofunda sempre mais. Com a Revolta Liberal de 1842 a elite de Datas é liberal e a de Gouveia, conservadora em defesa das oligarquias do Império; na época da Guerra do Paraguai, Gouveia inscreve moradores de Datas. 1873, Lei Mineira emancipa Gouveia de Diamantina e torna Datas distrito de Gouveia. Mais revolta e lembrança do nome cobu. Vence a revolta e o município não se instala. E por aí vai. A disputa em palavras junta cobu bolo de fubá na folha de bananeira com cobu povo africano. Para o refrão de batuque: “Cobu da Gouveia/ Sapato sem meia”, os gouveianos respondem com outro refrão de batuque: “Broa das Datas/ Colarinho sem gravata.” 1920, Gouveia reinicia a luta pela emancipação. Datas divulga que o nome do novo município seria Cobulândia. 1953. Gouveia se emancipa de Diamantina, Datas

nega-se a ser um distrito de Gouveia e permanece no de Diamantina. Gouveia lança o cobu como símbolo da cidade. Cria escola de samba com o nome de Dinastia Cobu, Clube social com nome de Cobu, Posto de gasolina, supermercado, loja de roupas... e celebra sempre os grandes momentos com uma mesa de cobu.” Como apêndice, na esteira dos movimentos de criação de comunidades quilombolas, inaugura-se o grupo COBUclinhos da comunidade do Espinho, um povoado já consolidado conforme registro do Censo Provincial de 1831 e cujas terras eram livres e desimpedidas, segundo registro da Lei de Terras de 1850.

Moral da história, Gouveia ao se identificar com os cobu e elevar o cobu às honras da mesa Gouveia promove, no nível do simbólico, o sonho da democracia “racial” defendido por Gilberto Freire e Edison Carneiro criticado e execrado pelos ideólogos das teorias de identidade étnica e novamente entronizado como a última promessa do Brasil pelo pesquisador britânico Peter Fry. Na obra *A persistência da raça*, Peter Fry se redime de seus equívocos por haver se alinhado aos críticos de Gilberto Freire e reconhece que o Brasil deve percorrer caminhos próprios em políticas ditas de “integração étnica”.

Cobu tem uma história de enobrecimento. Em estado nascente, era quase uma arma. Fubá com melado de cana, assado no borralho. Era duro, consistentemente duro. Para chegar à mesa do banquete, aperfeiçoou-se. Recebeu leite coalhado, manteiga, abóbora de porco enxuta e cozida, queijo curado e ralado; cravo e canela. O melado de cana foi substituído pela rapadura.

Fixe-se esta afirmação de Yeda Pessoa de Castro:

“Eis uma hipótese muito provável para explicar a origem do “cobu”, um tipo de biscoito de fubá, muito duro, assado sobre folhas de bananeira, conhecido em Minas Gerais, mas também pelos fons do Benim, onde é chamado de *kpodógbà* ou *kpógbà*, lit. “vara para lhe quebrar” em razão de sua consistência. Como, evidentemente, trata-se do mesmo biscoito, não vamos imaginar que ele tenha sido levado de Minas Gerais para o Benim. Logo, resta explicar como o termo *kpodógbà* evoluiu para “cobu” no falar mineiro, presumivelmente quando se popularizou, a partir de sua comercialização em tabuleiros ou vendas por milhares de minas ou cobus, originárias da mesma região”.p.134.

Contudo, preciso convocar um “historiador-diplomata”, digo de Alberto da Costa e Silva. Mais uma surpresa. Ao focar a “Expansão Banta” frisa dois pontos: a introdução precoce da banana proveniente do sudeste da Ásia, e a tardia do milho -”a banana revolucionou a agricultura nas áreas úmidas”; “a mandioca e o milho, (foram) levados do Brasil” p. 204. Os ingredientes principais do cobu provêm o primeiro da Ásia e o segundo do próprio Brasil. Isto ajuda explicar o nome jocoso *kpodógbà* conferido pelos fons de Benim.

Valha-nos o folclorista Domingos Diniz que relata que sua vó denominava o cobu de “pau a pique”. Temos então o cobu igual a uma nação africana do grupo banto e um bolo de fubá conhecido entre nós como cobu. Do ponto de vista de Yeda, são homófonos homógrafos. Domingos, o folclorista, oferece-nos a chave e me obriga a concluir: Senhores da Academia, nós folcloristas, promovemos esta festa de conagração do cobu *cové* e do cobu *kpodógbà* e o fazemos porque, como tenho repetido, “o folclorista não estranha seu povo”.

NOTAS

¹ SOARES, Mariza de Carvalho Soares.

Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 109.

Uma nova fase se inicia na CMFL! Com novos ventos (todos a favor) a nova diretoria, orquestrada pela competência, seriedade e compromisso do professor José Moreira Souza, caminha na direção para, definitivamente , ser reconhecida como uma instituição que sempre esteve à frente no registro, valorização , divulgação e, sobretudo o reconhecimento dos valores da nossa cultura popular. Num país em que o patrimônio imaterial passa a ser valorizado cada vez mais pelos órgãos governamentais, pela educação e pelo próprio povo a CMFL através de seus registros e estudos, torna-se um importante o elo de ligação na corrente da (re)descoberta das traduções de nossas tradições populares... afinal, como já diz o ditado popular “Ninguém ama o que não conhece!”

Kátia Cupertino

Colcha de Retalhos de Textos

A Comissão Mineira de Folclore passou longo período em sono profundo.

Agora, por iniciativa do folclorista José Moreira e outros folcloristas ela foi acordada. Espreguiça-se. Emite sons ao abrir a boca. Quer erguer-se com a colaboração de todos seus membros efetivos.

E para dar uma sacudidela em todos nós folcloristas, Moreira e Adélia propõem fazermos uma colcha de retalhos. Cada um de nós adicionará um pedaço de pano à colcha.

Não sei qual o motivo a coisa começa em mim e por mim.

Aproveito e sugiro fazermos, concomitantemente, outra colcha de retalhos em forma de textos sobre qualquer fato folclórico. Pelo sono que passou a CMFL e dele estar ela saindo, vejo aqui similitude com o núcleo dramático do Bumba-Meu-Boi.

O boi morre e, por ação do pajé ou do veterinário, ressuscita. Acorda. Ganha forças, levanta, corre e dança.

Em seguida, há o “repartir o boi”. As partes do bovino são distribuídas entre os presentes com muita brincadeira.

Então vamos repartir o boi, pessoal?!

Faremos outra colcha de retalhos em forma de textos.

Cada um ao adicionar o retalho à colcha proposta pelo Moreira, fará o texto sobre qualquer fato folclórico e o colocará na pasta anexa.

Coisa pequena. No máximo duas laudas no espaço dois.

Domingos Diniz , Belo Horizonte, dezembro de 2011

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 01-12– Março 2012.

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: Antônio de Paiva Moura e José Moreira de Souza

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Domingos Diniz

Secretária: Elieth Amélia de Sousa

Tesoureiro: Luiz Fernando Vieira Trópia

Conselho Fiscal da CMFL

Águeda Moraes de Carvalhaes e Kallás

Antônio de Paiva Moura

Frei Francisco van der Poel

IMPRESSO

Endereço para Correspondência

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br

